

MARCO DE CANAVESSES

(Rosém)

Rosém foi uma freguesia do concelho de Marco de Canaveses. Após a reorganização administrativa de 2013 foi agregada a outra localidade passando a designar-se freguesia de Avesadas e Rosém. A igreja de Santa Maria de Rosém dista cerca de 8,5 km da sede de concelho. Sair do Marco de Canaveses pela rua 25 de abril, virar à direita para a rua Tapadinha e tomar a estrada N210, percorrer 6 km e virar depois à esquerda para a estrada CM1262. Andar cerca de 1,5 km e virar à esquerda seguindo as indicações da igreja matriz de Rosém que se localiza um pouco mais à frente.

Rosém localiza-se na margem esquerda do rio Tâmega, na estrada entre Marco de Canaveses e Várzea do Douro. A pequena igreja de Rosém está implantada a meia encosta de um planalto de maciços de Montedeiras, do lado norte. O seu enquadramento é rural e isolado, em zona com forte declive, rodeado por campos de cultivo, desenvolvidos em amplos e suas socacos.

O povoamento da localidade é muito remoto e conhece-se a existência de um castro no local. Rosém foi da linhagem dos Gascos, desde Múncio Viegas o Velho, que parece ter reconquistado este lugar aos muçulmanos, no início do século XI. Em 1141, o lugar de Rosém, na posse dos Ribadouro, é referido na carta de couto que D. Afonso Henriques doara ao mosteiro de Vila Boa do Bispo. Em 1258, já existia como honra, então na posse dos herdeiros de Martin Moniz. Nas Inquirições seguintes, realizadas no reinado de D. Dinis, em 1288-1290, é novamente reiterado que se trata de uma honra.

Igreja de Santa Maria

A REFERÊNCIA AO LUGAR DE ROSÉM na carta de couto de 1141 faz-nos pressupor a importância do lugar que seguramente tinha, ou veio imediatamente a ter, uma igreja para que aí se rezasse missa. A importância do senhorio, o mosteiro de Vila Boa do Bispo e a disseminação da igreja paroquial no Entre Douro e Minho de então, bem o indiciam.

Apesar das fontes compulsadas nada dizerem sobre a existência de uma igreja, a verdade é que a importância dada ao lugar indicia a sua existência, como o poderá comprovar a qualidade de honra que gozou no século XIII. Tanto o é que, segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino (1320-1321), ordenado por D. Dinis com vista a obter financiamento para a Cruzada, a igreja de "*Ressendi*" foi taxada em 100 libras, um dos valores mais elevados no contexto das igrejas da Terra de Gouveia e de Benviver, apenas suplantado por uma diferença mínima pelo valor pago pela igreja de Tabuado, taxada em 105 libras. Os mosteiros desta Terra contribuía com valores bastante elevados, como era o caso do mosteiro de Pendorada (2 000 libras) e o de Vila Boa do Bispo (1 500 libras).

A igreja de Rosém é referida na listagem dos censos do Censual do Cabido do Porto, do século XIV. Segundo esta fonte, a igreja encontrava-se no arcediagado de Benviver, que era do mestre-escolado.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758 o orago da igreja "he a milagroza protectora Senhora das Neves". Só tinha uma nave e três altares.

Ora, os circunstancialismos históricos concorrem para ajuizarmos da existência de uma edificação religiosa em Rosém desde pelo menos meados do século XII. Já os vestígios materiais, daquela que cumpre hoje a função de igreja paroquial, não obstante as profundas transformações realizadas durante a época moderna, permitem-nos aferir da qualidade da fábrica da primitiva igreja, como também conjecturar o seu carácter tardio. A ser assim, a igreja românica de Rosém terá sido edificada sobre um templo anterior. Carlos Alberto Ferreira de Almeida propõe que os vestígios existentes remontem à segunda parte do século XIII.

Orientada, a igreja de Santa Maria de Rosém conserva grande parte da sua estrutura românica primitiva, o



Perspetiva geral da igreja. Alçado este



Alçados este e norte



Interior. Perspetiva a partir do lado ocidental

que confirma a qualidade do estaleiro que aqui laborou. É na cabeceira que os vestígios desta época ainda se identificam, já que a nave única poderá ter sido profundamente transformada numa intervenção realizada posteriormente, talvez no século XVI, altura em que se terá edificado a galilé que a precede e que acolhe o coro alto da igreja, a que se acede pelo exterior. De notar, contudo, a homogeneidade do conjunto e que poderá ser justificada ou por uma permanência do modo de construir românico num tempo longo, ou então por uma vontade intencional de construir dentro de uma mesma linguagem arquitetónica. Não devemos estranhar este aparente conservadorismo respeitando a pré-existência, de que a obra da Sala do Capítulo de Nossa Senhora da Oliveira (Guimarães) é um dos

melhores exemplos. A igreja de São Martinho de Mancelos (Amarante) ou a de Santo André de Telões (Amarante) ainda conservam a sua galilé, apesar da segunda ser seguramente mais tardia que a primeira.

A cabeceira, de planta retangular, foi edificada em granito, em aparelho pseudo-isódomo bem esquadriado. O aparelho da nave apresenta uma leitura diferente dos silhares por terem sido as suas juntas avivadas com cimento, o que nos dificulta a identificação de aproveitamento de silhares da primitiva fábrica. A inexistência de cachorros a suportar a cornija e o arranjo dos janelões que rasgam o paramento denunciam o caráter tardio da edificação da nave.

Na parede este da cabeceira, a fresta primitiva que permitia a entrada de luz na abside, foi adaptada e cumpre



Capitel do arco triunfal. Lado do Evangelho



Capitel do arco triunfal. Lado da Epístola

a função de nicho onde ainda se expõe uma imagem, protegida por vidraça. Da estrutura primitiva desta fresta, assente sobre friso de ressalto que contorna toda a cabeceira, remanesce um toro diédrico que define a arquivolta de volta perfeita. Nos alçados laterais da cabeceira, cachorros lisos e de secção quadrangular sustentam uma profunda cornija de ressalto.

É, portanto, no interior da igreja que identificamos os mais significantes vestígios românicos. A cabeceira foi profundamente transformada e um imponente retábulo neoclássico oculta a fresta da parede fundeira. Aqui, apenas o arco triunfal nos convoca a época românica. O seu arranjo é claramente tardio. Em primeiro lugar refira-se a ampla abertura do vão, definido por arquivolta quebrada enformada por aduelas de grandes dimensões, lisas e facetadas. Suportam-na robustos capitéis que, por sua vez, se apoiam sobre colunas com fuste formado por tambores. As colunas também são baixas, mas volumosas. Foi posto um particular cuidado no tratamento dos capitéis e das impostas, que são diferentes.

No lado do Evangelho, a imposta mostra, em desenho delicado, o motivo da hera estilizada formando enroscamentos. O capitel é idêntico àquele que lhe corresponde na Igreja de Santo André de Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses), ostentando o tema das sereias. O plinto que ostenta a base orna-se com quadrifólios inscritos em círculos. No lado da Epístola vemos na imposta, que se prolonga ao modo de friso pelo interior da cabeceira, o motivo

que Joaquim de Vasconcelos identificou com o nº3, "círculos secantes em movimento duplo, centrista, corda". No capitel, apesar de alguma falta de domínio do capiteleiro no desenho das anatomias, vemos o tema da matança do touro. O plinto, por fim, orna-se com losangos encadeados. De relevar ainda que nesta igreja de Rosém ainda é possível ver vestígios de policromia nos elementos esculpidos do arco triunfal.

Atendendo aos elementos remanescentes, poderemos datar a edificação da igreja românica de Rosém, sobre um templo anterior, de finais do século XIII, princípios do XIV. Não podemos ignorar que no capitel do arco triunfal do lado do Evangelho se repete um modelo de Vila Boa de Quires, cuja edificação é comprovadamente tardia.

O arco triunfal, com a sua temática historiada e a permanência de policromia permite-nos conjecturar da qualidade da fábrica românica desta igreja cuja história tem vindo a mostrar ter tido um importante lugar ao nível regional.

A igreja tem ainda adossada a antiga casa paroquial e existem vestígios do antigo passal.

Texto: MLB/JL - Fotos: SVS

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 97-98; BOISSELLIER, S., 2012, p. 133; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, pp. 578-579; GEPB, 1935-60, XXVI, pp. 247-248; MEM. PAROQ. 1758 (2009), p. 400; SILVA, J.R., 1998a, pp. 151-155; SIPA; VASCONCELOS, J., 1918, p. 69.

